MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2002 nº 220

Crime e castigo



Uma das figuras mais controvertidas de senhores de escravos de Guaratinguetá foi, sem dúvida alguma, a do Major Bento Antônio de Campos, abastado fazendeiro de café, com mais de 110 mil pés plantados em sua Fazenda Santana do Morro Grande, em Guaratinguetá, região de Roseira, citada por Taunay como uma das grandes propriedades cafeeiras do país.

Nasceu o Major Bento na Vila de Jacareí, em 1818, filho do Capitão João Damasceno de Campos e de Ana Luiza de Toledo, neto do Guarda-mor José Bueno de Moraes, de ilustre família de São Paulo, e de Joana Maria de Santana.

A morte trágica do pai justificaria, em parte, o comportamento prepotente, muitas vezes cruel para com os escravos, aliado a atos de verdadeira filantropia.

Aos nove anos, depara-se o menino Bento com a morte violenta do Capitão João Damasceno, assassinado por seus escravos André, Antônio, João e Manuel, no sítio onde vivia, denominado Cumbe Velho.

Entre a noite de domingo e o amanhecer da segunda-feira, dia 29 de outubro de 1827 estava o Capitão Damasceno dormindo em uma rede, o rosário entre os dedos, quando os escravos, pé ante pé se acercam da rede e, com machadadas e foiçadas na cabeça e

tronco, tão violentas que chegam a enterrar na pele as contas do rosário, assassinam o patrão. Lançam o corpo por terra e carregam o morto para o rio Jacuí, distante meia légua da sede do sítio, onde se encontravam a esposa e os filhos. Daí a três dias, o corpo foi encontrado por mateiros da região. Foi este um dos mais trágicos acontecimentos vividos pela Vila de Cunha no século XIX.

Motivos do crime segundo depoimento dos escravos, constantes dos Autos da Devassa: "não podendo mais suportar a tirania com que eram tratados pelo dito senhor... sem que para isso interviesse conselho ou persuação de pessoa alguma, mas somente os frequentes castigos e árduos trabalhos com que eram tratados e ao duro sustento de milho e feijão cozido, desesperados, resolveram matar seu senhor pois necessitavam se livrar de tão bárbara escravidão...", conforme translado da ordem expedida pela Junta de Justiça da Província de São Paulo, a 14 de fevereiro de 1828.

O advogado, curador dos réus, reconheceu os delitos praticados pelos escravos e reagiu contra "as atuais leis do Império que ainda permitem a escravidão e o comércio de cativos do norte da África e as sevícias que lhes fazem os senhores de escravos..."

O Imperador não atendendo às petições de graças, mandou executar a sentença contra os réus que foram levados pelas ruas da Vila de Cunha ao local da forca, por "Imperial Aviso" de 28 de março de 1828.

Os escravos tiveram as cabeças cortadas e colocadas em postes "no lugar mais público da vila" até que o tempo as consumisse para sempre... conforme Acordão passado na Vila de Cunha, assinado pelo Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca.

Traumatizado pela tragédia paterna, o jovem Bento Antônio de Campos deixa a Vila de Nossa Senhora da Conceição de Cunha e fixa residência na Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá. Aí casa-se, em 1840, aos 22 anos, com Margarida Brandina dos Santos, filha do Tenente Coronel João Francisco Vieira Novais e de Margarida Fialho de Jesus. Era esta senhora neta do Sargento-mor Francisco Vieira Novais, Oficial do Regimento de Infantaria de Milícias da Vila de Cunha e proprietário de engenho de açúcar no bairro de São José, em Guaratinguetá.

O casal passa a residir no sobrado na cidade, na rua da Cruz Grande (Marechal Deodoro), erguido em taipa de pilão pelos escravos: fachada alta com 6 portas no andar térreo, correspondentes a 6 janelas de guilhotina no andar superior. No térreo, a porta de entrada, terminada em arco, dava acesso a uma escadaria de dois lanços para o andar superior, com dois salões de frente para a rua, quartos, alcovas, grande salão de jantar. No sobrado nasceriam os filhos do casal. Hoje, na ampla área do sobrado, foi construído um Supermercado.

A prepotência e autoritarismo do Major Bento com relação à escravaria, talvez herança traumática da tragédia paterna, eram tão comentados pela cidade "a tal ponto que não poderia haver maior ameaça a um escravo do que a possibilidade de ser vendido ao fazendeiro. A essa má promessa recorriam os senhores de escravos da região quando queriam impor disciplina a seus escravos".

Com visão ampla da conjuntura econômica da época, Major Bento investia o lucro dos 110 mil pés de café em ações da Companhia da Estrada de Ferro Central do Brasil.

A vinda dos primeiros netos sensibilizaram o Major a ponto de doar um belíssimo lustre de cristal da Boêmia para a Igreja Matriz de Santo Antônio, com aproximadamente 3 metros de diâmetro na base. O lustre, localizado no transepto (final da nave central, a poucos metros da capela-mor) era seguro por longa corrente de bronze, presa no teto por uma roldana que permitia a descida, periódica, para a troca de velas e limpeza.

Rara era a celebração religiosa na Igreja Matriz em que não se via a figura austera do Major ao lado da esposa e dos filhos, o olhar pousado no colorido das peças de cristal do majestoso lustre.

Vereador à Câmara Municipal, membro do Partido Conservador, adepto da Sociedade Defensora do Trono e da Religião e membro da Guarda Nacional, o Major reunia correligionários no salão de visitas do sobrado em meio a leitura do jornal O Paraíba, do Partido Conservador. Tão acirradas eram, na época, as lutas políticas na cidade que, nas eleições do ano de 1861, realizadas na Igreja Matriz de Santo Antônio, "tal foi o tumulto com empurrões, socos, canivetes, que os membros do Partido Conservador fizeram outra

eleição na Igreja do Rosário..." ambas anuladas pela Assembléia Judicial.

No dia 28 de setembro de 1879, quando saía da porta da cozinha da sede de sua fazenda Santana do Morro Grande, em Roseira, a foice vingativa de um dos escravos derruba por terra, o corpo ensanguentado do Major Bento Antônio de Campos. O escravo desapareceu no meio do cafezal com a cumplicidade dos demais cativos. O Capitão do Mato, em caça ao escravo assassino, jamais conseguiu encontrá-lo. Era a repetição fatídica da tragédia vivida pelo pai, Capitão Damasceno, na Vila de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, no ano de 1827.

Mais de meio século depois, dois fatos abalariam a cidade de Guaratinguetá. Por volta de 1938 o majestoso lustre doado pelo Major Bento Antônio de Campos, ao ser descido para limpeza, despenca, com grande estrondo, nas tábuas do assoalho da Igreja Matriz de Santo Antônio, despedaçando pingentes e mangas de cristal.

No dia 12 de abril de 1942, nas primeiras horas da noite de domingo, grande incêndio consome o sobrado da antiga rua da Cruz Grande, desaparecendo, assim, nas chamas, o solar de uma das mais controvertidas personalidades de prepotentes senhores de escravos de Guaratinguetá.

Maria Isbella Maia Fabiano

Nota: No desenho de Tom Maia, a sede da Fazenda Santana, em Roseira, onde foi assassinado o Major Bento Antônio de Campos. Do livro "Vale do Paraíba - velhas fazendas".

Fontes de Consulta: - Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão. - Depoimentos diversos. - Traslado da Devassa feita pela morte do Capitão João Damasceno de Campos pelos seus escravos. Ano 1827. Museu Francisco Veloso. Cunha. Leitura e transcrição em ortografia atualizada por Joaquim Roberto Fagundes.